2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 43. QUINTA FEIRA, 3 DE JULHO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XIII.

456 O resultado capital da exposição, pelo que toca aos francezes, é o reconhecimento absoluto, incontestavel de sua superioridade em materia de arte e de gosto. Nas sedas matisadas de oiro ou prata, nas chitas, nas artes de marceneiro e de ourives, na fabricação dos bronzes, dos papeis pintados, das porcelanas não tem rivaes: qualquer que seja o valor intrinseco de um producto, se a fórma e o gosto lhe dão algum realce, estae certo que os francezes se avantajam.

A rainha das industrias francezas é a da cidade de Lyão, e appresentou-se em Londres agora bella como nunca se mostrára. Alardea-se tão acima do que a vimos na exposição franceza de 1849, quando se evadia ainda toda contusa ás sedições e ao imperio dos clubs, que a podemos suppor regenerada, resplandecendo com vida nova. Os lugdunenses tiveram o feliz pensamento de comparecerem em Londres antes em nome collectivo do que como expositores individuaes: não são os fabricantes que expoem, é toda a fabricação. A camara de commercio conduziu á victoria até os mais recalcitrantes, comprando-lhes os productos que não queriam appresentar e expondo-os a despeito delles.

Além disso, a industria de Lyão não se satisfez só com a remessa de productos admiraveis, mandou-os collocar por dois habeis parisienses: MM. Lemoine, e Dufolin, que tambem presidiram á collocação dos productos de Mulhouse, e que merecem honrosa menção pelo engenho que desenvolveram. É impossivel distribuir os estofos, casar ou contrapor as côres com maior gosto e mais intelligencia. Com esta vista se extasiará M. Chevreul, que creou a sciencia do contraste das cores. O publico patenteia diariamente as suas sympathias por esta formosa exposição, acudindo em chusma e exprimindo sua satisfação nos termos mais explicitos.

Nada alli falta. O passado e o presente acham-se reunidos, porque Lyão quiz que os seus antigos primores fossem expostos a par dos modernos; e mais de um espectador terá confundido em sua admiração estofos de estylo e tempos bem differentes.

Consagrarei um estudo especial a esta preciosa collecção, unica em o mundo; e devo desde já dizer que se a França demonstrou n'alguma coisa a sua grande superioridade foi na manufactura de sedas. Até aquelles dos nossos que nutriam qualquer duvida neste ponto ficaram pasmados da extrema differença que reina entre os productos mais ordinarios de Lyão e os mais distinctos de toda a Europa. Os objectos antigos de Lyão são mais bellos do que certas novidades da Austria, da Inglaterra, da Hespanha e da Italia. É um facto hoje reconhecido por essas mesmas nações, e tão notavel que derrama um lustre particular sobre toda a exposição franceza.

Realmente não ha coisa em que fraqueje toda essa galeria lyonense. Os veludos, os brocados, os setins, os crêpes, os tafetás, as sedas lisas, as de matiz, tudo é de um gosto delicado, gracioso, inimitavel. Palavras não poderiam descrever as variedades infinitas de desenhos e padrões de inaudita riqueza, e os tecidos esmaltados de flores puras e frescas como as dá a natureza. Em verdade suppor-se-hia que exhalaram aromas, tão vivido e mimoso é seu aspecto, tão maravilhosa a sua flexibilidade. Á vista destas creações assombrosas, não pude subtrahir-me a reflexões bem tristes. Esses lindos tecidos, que se tomariam por obra das fadas, sahiram das mãos de homens terriveis, que parece ás vezes menearem mais voluntariamente a espada do que a lançadeira. Vem de uma cidade hoje circumdada de fortes, e foram fabricados sobre a protecção do estado de sitio!

Deixemos porém os enigmas, e de passagem censuremos asperamente os fabricantes de fitas de St. Etienne, que não se dignaram, á excepção de cinco ou seis, comparecer na Exposição Universal. Não basta, meus senhores, ser valentes; é necessario sahir das barracas nos dias de combate. Sois os primeiros fabricantes de fitas no mundo, é coisa assentada; vendeis os vossos productos, até em Londres, por milhões, bem o sabemos; mas devieis ter apparecido para sustentar a subida reputação do departamento de la Loire. Tendes riqueza sufficiente para gastos de viagem. E sabeis o que vos acontece! As fabricas de fitas de Basilea

e de Zurich obtiveram aqui encommendas avultadas; e foi porque foram geralmente admirados os seus productos em logar dos vossos; e até as fitas inglezas alcançaram alguma vantagem. Sei que respondereis. — « Roubam-nos os nossos desenhos, arremedam-nos, falsificam o nosso fabrico. » — É uma honra para vós. Tanto sois roubados ausentes como presentes, capacitai-vos disso. Visitando eu ha dias a cidade de Manchester, encontrei um afamado fabricante de chitas, que me disse que todos os annos pagava 75 mil francos a desenhadores francezes, em França, para ter desenhos, ou a correspondentes para alcançar amostras. Por ventura, os falsificadores ou contrafactores belgas impedem de escrever os grandes escriptores?

Os fabricantes de rendas do Haute-Loire mostraram mais patriotismo, e fallo delles em primeiro logar, não sendo os mestres da arte, porque importaram sustento a povos montanhezes levando-lhes a industria das rendas. A rapidez do meu trabalho não permitte que nomêe os fabricantes, mas desejo tributar homenagem á fabrica de Puy na pessoa de M. Robert Faure, que ensaiou um genero novo e que contribue energicamente para o bom exito da nova eschóla estabelecida no centro daquelle districto remoto.

Em summa, o fabrico das rendas attesta um progresso na verdade não esperado. Bayeux, Mirecourt, Chantilly, Alençon brilham na Exposição de Londres com esplendor sem rival.

As senhoras devem fazer os maiores esforços para animar esta formosa industria, feita quasi exclusivamente para ellas, exercida por mulheres no lar domestico e que hoje conta as operarias ás centenas de milhares, coisa apenas crivel! As rendas recobraram consideravel importancia que não retrocederá, antes progredirá. As de Bayeux e Chantilly tem feito progressos immensos, devidos ao illustrado zelo de alguns fabricantes. Até as *blondes* de seda procuram renascer, e M. Randon, de Paris, expoz algumas mui originaes que poderiam restituir a esta fazenda, quasi toda de exportação colonial, a estima das nossas damas.

Ao passo que o nosso fabrico se desenvolve, as fabricas rivaes não ficam estacionarias. A Belgica, outr'ora o foco desta arte, enviou mui bellas coisas, mas que não offuscaram a nossa exposição. A Inglaterra, no dizer de todos os entendedores, parece atrazada neste particular. Ainda aqui campeamos vencedores na arena.

Os chales francezes sustentaram não menos honrosamente a sua antiga reputação. Achei no seu posto os veteranos desta manufactura, que se esforçam por manter a gloria da eschóla franceza, aperfeiçoando diariamente os seus processos. Não longe delles, o corajoso Bietry parecia orgulhoso com a victoria de nossas cachemiras, cuja pureza defendeu contra toda a mistura adulterina de seda, lã ou algodão. E cumprirá dizer que esta formosa industria, ao que me parece, tem chegado ao seu apogeu, e que receio que ella já não possa senão baixar. O certo é que, se observo os seus productos na Austria e na Inglaterra, os nossos parecem o que na realidade são, mui superiores; porém, se algum dia a manufactura austriaca conseguir amaciar os toques asperos de côr nos seus chales, e a Inglaterra tratar mais desveladamente a reducção dos seus, este genero virá a ser quasi inteiramente uma questão de desenho e de mecanica *à la Jacquard*. Os chales francezes estarão para os chales da India, proporcionalmente, como as gazes de matiz para as cassas bordadas da Suissa e de Tarara.

Torna-se mais sobresaliente a nossa superioridade na marceneria, que com effeito chegou onde podia chegar. As suas obras são pouco numerosas, mas os artistas não expozeram, como os de Lyão, senão obras primas. Já mencionei o bufete de M. Foardinois que é a peça magistral da fabrica franceza; as magnificas estantes de bibliotheca de M. Barbedienne, as dos operarios associados do arrabalde Saint Antoíne, de madeira roxa, as incrustações de côres de M. Kruner; o bufete de madeira de carvalho em bruto por M. Krieger, outra obra mestra; outro de M. Joly, de formas tão correctas, tão simples e gracioso, attrahiram todos os votos; e é pouco provavel que um só destes trastes admiraveis volte a Paris. Ao passo que os marceneiros parisienses obtem similhante triumpho, inteiramente devido á arte delicada do desenho e ao bem acabado da mão de obra, um fabricante de Bordeaux, que de simples operario veio a ser mestre habil, representa per si só a marcenaria domestica e corrente, a que procede pelo poder do numero e pela extensão do consumo. M. Beaufils conseguiu fabricar moveis que arrostam com as variações da temperatura, tão destructivas nas colonias. Escolhe as madeiras e emprega-as com tamanha intelligencia que nenhum de seus moveis se desconjuncta, e os seus folheados resistem a todas as provas. Graças á sua pericia, a nossa marcenaria torna-se cada vez mais popular nas regiões tropicaes, e abrem-se-lhe de dia para dia immensos mercados. Esta elegante solidez foi com especialidade examinada pelos entendedores em todas as peças expostas por M. Beaufils.

É esta a occasião de mencionar a opinião geral sobre as diversas eschólas de marcenaria, representadas na exposição pela França, a Inglaterra e a Austria. Embora seja grande a superioridade dos nossos fabricantes, é evidente que a Austria e a Inglaterra vão em progresso, e que os seus productos são extremamente notaveis. A Austria attrahe infinito numero de visitantes ás salas que com muito artificio adornou de moveis de sua fabrica, e cumpre declarar que estes moveis estão executados com rara habilidade; não lhes falta senão serem desenhados por mão mais exercitada. São pesados e massudos, permitta-se-me este termo familiar, como verdadeiras casas burguezas. A bibliotheca em madeira de carvalho, que o imperador offereceu de presente á rainha de Inglaterra, é seguramente uma bella obra, mas sem estylo, sem caracter: póde comparar-se com uma egreja reduzida por uma escala pequena como os modelos de páu que figuram em os nossos museus de curiosidade. Os austriacos expozeram tambem um leito de armação, de madeira de acajú ou de angica, que de certo ultrapassa todas as proporções do seu genero, com quatro esteios capazes de sustentar um edificio; comtudo este trabalho é desempenhado com tão habil lavor que o espectador pára involuntariamente diante dos milhares de festões e astragalos de um effeito phantastico e magestoso que attrahe a vista.

A mesma observação se applica á marcenaria in-

gleza, que está mais adiantada do que a austriaca, e que alardeou na exposição uma variedade de formas e exuberancia de moveis extraordinaria. Os inglezes não poupam; empregam ricas madeiras, cortam acajú e maciços de ébano como pedra, e multiplicam as superficies, as protuberancias, os relevos, como se a madeira nada custasse. Os seus moveis distinguem-se pela massa, a amplidão, o enorme vulto. No genero extravagante e caprichoso ha coisas maravilhosas; ha tambem muitos objectos de fórmas commodas e regulares, que pela belleza da execução se approximam da correcção e elegancia franceza. Julgo dever indicar aos nossos fabricantes o vantajoso emprego que a marcenaria ingleza faz de madeiras differentes dos classicos acajú e palixandro. Cumpre que façam o estudo importante das inumeraveis amostras de lindas madeiras de todas as côres, que brilham na exposição. A Australia, a terra de Van-Diemen, a India, as Molucas, o Brasil, toda a America do Sul enviaram collecções de notavel belleza. — É necessario sahir do trilho usado, senão acontecerá aos moveis o mesmo de que estão ameaçados os chales; da uniformidade nascerá o aborrecimento, e o consummo ha de padecer: temos melhorado as fórmas até o ponto de perfeição; agora é preciso variar as materias primeiras, para o que a marcenaria póde explorar as florestas de ambos os mundos.

INDUSTRIA.

(Continuado de pag. 497)

457 Pessoas ha que vão mais longe, e que pretendem que, mesmo no caso de não ser nunca possivel produzir no paiz um artefacto qualquer por preço tão baixo como aquelle porque os estrangeiros o offerecem, a producção indigena deve todavia ser fomentada e preferida, como sendo então mesmo mais vantajosa ao interesse e á riqueza geral, do que a importação e o consumo de artigo estrangeiro mais barato; por quanto, dizem elles, sendo o trabalho a origem das riquezas, sustentar o trabalho estrangeiro em vez do trabalho nacional, é evidentemente empobrecer-se para enriquecer os estrangeiros. Não admittirei eu com tudo a verdade desta these, que todavia talvez não seja inteiramente falsa dentro de certos limites. Persisto porém em crer que é util e necessario promover judiciosamente todos os ramos de industria, cuja implantação no paiz não apresente impossibilidade evidente e insuperavel, começando pelos de mais facil estabelecimento, por aquelles que a natureza mesma parece apontar em suas producções, e nas proporções favoraveis que o paiz offerece, preferindo finalmente os que produzem objectos de mais geral consummo e utilidade. Deve o governo pois promover com intelligencia e madura circumspecção, e ficar sempre alerta, seguindo cuidadosamente os progressos da nova industria, para reconhecer o momento em que lhe cumpre modificar o meio de protecção, ou abolil-o inteiramente.

A segunda e terceira objecção responderemos conjunctamente.

É indubitavel que não se compra sem pagar, e que o paiz que pagasse só com moeda, em breve ficaria exhausto e impossibilitado de fazer novas compras. Continuando pois estas, é claro que o pagamento se faz em productos do trabalho nacional. Mas todo o trabalho não é igualmente proficuo, e póde acontecer (como estou persuadido que acontece entre nós), que a liberdade do commercio seja um obstaculo invencivel a trabalhos mais lucrativos que os que ella sustenta. Neste caso o interesse individual não tem escolha senão *entre os trabalhos possiveis nas circumstancias existentes*, e destas preferirá naturalmente para emprego de seus capitaes, aquelle que lhe parecer de maior proveito. Mas nem por isso deixa de ser certo que a liberdade é então o obstaculo que se oppoem a outro emprego mais lucrativo, e que cumpre remover, a despeito da magica fascinação da palavra, porque no estado social, a liberdade que se oppoem ao bem geral, é anarchia. A liberdade, no caso de que tratamos, é a que tem o estrangeiro para vender, e não a que tem o nacional para produzir, a qual é restricta aos unicos objectos, cuja producção é possivel sem perda, isto é, áquelles cujo monopolio, ou cuja protecção é obra da naturesa; que tambem ella concedeu exclusivos em beneficio do trato geral do genero humano. Ora, chamar a isso liberdade, é uma inversão extravagante de idéas e de palavras.

Quanto ao principio do *laissez faire*, tem elle tido grande voga, e numerosos sectarios, nem podia deixar de assim ser, porque difficil seria descortinar outro aphorismo mais commodo e anodino para a preguiça e para a incapacidade. Elle dispensa do saber, da habilidade, da diligencia, do trabalho, e franqueia o accesso do poder e da suprema administração a todas as ambições, por mais burlescas e insanas que ellas sejam. Deixar-se ir ao som da agua, ou deixar ir tudo pela agua abaixo, é coisa na verdade mui facil, e cuja execução póde ser confiada a todos os talentos; porém isso não é governar. Governar suppõe acção activa e não passiva; deixar fazer é a negação de governar. Ora um dos multiplices deveres do governo consiste em dirigir e encaminhar os interesses particulares, de modo que todos converjam para o interesse geral, em mondar e desempachar o terreno de plantas nocivas para que nelle possam brotar e medrar todos os germes da publica prosperidade. Sem duvida que muito poderá elle confiar do interesse particular, e que se pretender sujeitar tudo a uma direcção inflexivel, ou a regras mesquinhas e oppressivas, cairá em outro erro não menos deploravel. Mas entre deixar fazer ás cegas, e confiar no apoio que offerece o potente mobil do interesse particular, a distancia é immensa, e o logar do governo não deve ser em nenhum dos dous extremos.

O interesse do consumidor deve seguramente, por sua maior generalidade, ser preferido ao interesse mais restricto do productor; mas: 1.° o governo não tem que attender só ao interesse do consumidor actual, mas tambem ao do consumidor das gerações futuras: porque o governo dirige os negocios da nação, que não morre, e não da geração presente sómente, que tem uma existencia passageira. Segue-se que elle deve tambem attender ao bem futuro da nação, e não sacrificar os vindouros ao egoismo dos presentes. Se outros principios predominassem, quem plantaria uma

oliveira? Ora o que em um particular seria justamente censurado como criminoso desleixo, desnatural desamor da sua descendencia, em um governo seria mais criminoso ainda.

2.° Raras serão as industrias que careçam para sua completa naturalisação, de um fomento que haja de durar mais de uma geração, e pelo contrario de quasi todas ellas gozará a mesma geração, que faz o pequeno sacrificio de pagar temporariamente mais caro, em beneficio publico, o objecto que poderia talvez haver melhor e mais barato dos estrangeiros.

3.° Este sacrificio será ainda menor do que á primeira vista se afigura; porque, como já observámos, as industrias tem entre si muitos pontos de contacto e de mutua influencia, de modo que a introducção de uma nova augmenta o valor dos productos das que já existiam. O estabelecimento de uma fabrica de pannos, por exemplo, dá logo maior valor ás lãas, aos fructos da terra, e aos muitos e diversos objectos de que a fabrica carece para seu andamento, para sustento de seus operarios, etc. As pequenas officinas que trabalham para a fabrica, produzem proporcionalmente os mesmos effeitos. Se pois por um lado o consumidor paga mais caro o novo producto da industria nacional, por outro vê tambem augmentados os seus lucros, ou as suas rendas, e estabelecida uma compensação, que, pelo menos a final, cobrirá exuberantemente o seu sacrificio.

A comparação do governo de uma familia com o de uma nação, não colhe, porque os interesses de uma familia e os seus meios de producção são extremamente restrictos, e nenhuma paridade tem com os de uma nação, muito mais numerosos e extensos. O preço mais caro, como já mostrámos, não será permanente, antes pelo contrario deverá baixar pouco a pouco, até chegar a ser tão barato como o do mesmo objecto importado do paiz estrangeiro, e por ventura inferior.

Uma consideração nos occorre a favor da industria fabril, que tambem nos parece digna de attenção.

Os trabalhos ruraes são de sua naturesa intermittentes, e não podem ser demorados nem differidos sem grave prejuiso, havendo épochas do anno em que elles demandam imperiosamente maior numero de braços, como são as vendimas, as ceifas, etc. Os trabalhos fabris pelo contrario são ordinariamente regulares, e podem soffrer, sem maior damno, interrupções e demoras. Daqui vem que nas épochas dos grandes trabalhos ruraes, as fabricas podem fornecer braços á agricultura, do mesmo modo que, nos tempos de sua folga, póde a agricultura fornecer braços ás fabricas. Esta mutação de serviços será evidentemente de proveito reciproco a estes dois ramos de industria, e salvará a agricultura portugueza do tributo annual que paga aos trabalhadores que naquellas épochas lhe vem do reino visinho.

Parece-nos ter dito quanto basta para fazer ver quão pouco fundadas são as objecções que se fazem ao systema prohibitivo e protector para a creação de novas industrias. Taes objecções seriam sómente justas, se todas as nações se achassem no mesmo gráu de civilisação, de riquesa, de intelligencia, de pericia manual e fabril, e se todas ellas adoptassem simultaneamente o mesmo systema de liberdade absoluta de commercio abolindo as alfandegas e barreiras, e permittindo indiscreminadamente todas as importações e exportações. É nesta hypothese, tacitamente admittida, que os auctores de economia politica assentam aquellas objecções; porque a theoria que trata de regras geraes, não póde fundar-se em casos particulares, diversos e complicados. A applicação da theoria exige porém uma consideração attenta de todas as circumstancias particulares do caso de que se trata, e o talento de modificar as regras geraes, congruentemente a essas circumstancias particulares; porque só assim poderá ella ser util, e deixar de produzir resultados não previstos, nem sonhados pelo applicador desattento.

Assim a nação que, achando-se em circumstancias de inferioridade, tiver a simpleza de adoptar a regra geral da liberdade do commercio, sem attender a essas circumstancias, será necessariamente victima da sua imprudente leviandade, em beneficio das nações que se lhe avantajarem. A igualdade entre coisas desiguaes não póde restabelecer-se por medidas iguaes, e por tanto o bom senso ensina que a nação inferior deve tratar de compensar a sua inferioridade por medidas desiguaes, que a protejam e defendam contra a superioridade dos estrangeiros. Pretender supprir estas medidas com patheticas lamentações, com jaculatorias de mysticismo patriotico, invocando o sentimentalismo nacional, para que hajam de preferir-se com piedosa abnegação as nossas saragoças, e os nossos chapeos de Braga, aos pannos e chapeos finos estrangeiros mais baratos, é uma inepcia ridicula, ou uma aberração do espirito exaltado pelo sentimento honroso e louvavel do amor da patria, que em seu enlevamento não vê que o interesse geral, mais remoto e menos palpavel que o interesse particular, perece sempre no conflicto. E ainda bem que assim é, porque esta especie de leis sumptuarias do patriotismo ascetico, bem como as verdadeiras, se sortissem completamente todos os seus effeitos, produziriam a immobilidade da nação na carreira do progresso, impediriam que as necessidades de luxo se transformassem em necessidades verdadeiras da civilisação moderna, e finalmente condemnariam o povo todo a vestir-se eternamente de saragoça e a usar de chapeos de Braga; austeridade sem duvida estupenda, mas que seria indignamente apreciada nestes tempos actuaes de corrupção e de sensualidade (9).

Mas de que serviriam as fabricas, ou como poderiam ellas existir, se lhes faltassem as vias para o escoamento de seus productos? Sem facilidade e baratesa de transportes e de meios de circulação, não póde haver commercio interno, nem fabricas, nem prosperidade geral (10).

Os rios, os canaes, as estradas, e os caminhos de um paiz, são como as arterias e as ramificadas veias do corpo humano, que levam o sangue e a vida a todas as partes delle.

(9) *Veja-se* a nota *B* no fim da *Memoria*.

(10) É de presumir que as difficuldades e a grande carestia dos transportes, serviram em Portugal de defesa á industria do interior do reino contra a mortifera concorrencia das mercadorias estrangeiras. Assim é possivel que os artefactos de Braga, de Guimarães, etc., teriam desapparecido se a carestia dos transportes não augmentasse o preço dos estrangeiros da mesma denominação, a ponto de conservar aos nossos vantagem ou igualdade no mercado. Estranha protecção!

Sem boas e numerosas vias de communicação, a prosperidade e a civilisação apenas pódem existir (e imperfeitas) em alguns pontos destacados, mas não disseminadas e distribuidas igualmente em todo o paiz. Para que este possa saturar-se ou embeber-se completamente de prosperidade e civilisação, é necessario que não tenha ponto algum obstruido á livre e geral circulação do commercio interno, e ao trato e communicação de seus habitantes.

Faltando bons meios de transporte os mercados são limitados, a concorrencia não póde existir, e o progresso é impossivel.

A mesma falta obsta ao justo equilibrio dos preços, á repartição egual das subsistencias e das mercadorias no paiz, mantendo grande carestia dellas em um ponto, e excessiva barateza em outro, naquelle a falta que definha, neste a exuberancia que suffoca.

Quando as communicações são lentas, os capitaes parecem escaços, e o seu valor efficiente se augmenta á medida que ellas se tornam mais rapidas. Supponhamos, por exemplo, que a rapidez das communicações se torna dez vezes maior: um cruzado novo poderá então fazer dez operações, no mesmo espaço de tempo em que dantes só podia fazer uma. Assim o valor efficiente de um cruzado novo nesta hypothese, será egual ao que dantes tinha uma moeda. Logo a rapidez das communicações augmenta o valor efficiente do capital nacional circulante, o que equival a um augmento real e effectivo do mesmo capital. E quem póde saber até que ponto será possivel levar aquella rapidez? A applicação do vapor aos vehiculos locomotivos está apenas em seu principio, e o genio do homem, alentado pelos maravilhosos resultados daquella applicação, trabalha com ardor no descobrimento de novos inventos, de melhoramentos successivos, cujo termo é indefinido.

Além da necessidade e utilidade de boas vias de communicação para a riqueza nacional, são ellas tambem precisas para o andamento das instituições chamadas constitucionaes, e para que o povo possa ganhar-lhes amor e apego. Com effeito, no estado actual das estradas em Portugal, o homem que é obrigado, no interior do reino, a concorrer ás eleições, a comparecer como jurado, em uma palavra, a exercer, em logares distantes da sua morada habitual, as prerogativas que lhe attribue a lei fundamental, em vez de um direito precioso, só vê desgraçadamente nellas deveres arduos e vexatorios, que lhe occasionam a perda de muito tempo, o abandono de seus trabalhos e de seus interesses particulares, grandes despezas, muitos incommodos: e tudo isto para alcançar um proveito immaterial, pouco palpavel, que a grande maioria do povo não comprehende, e conseguintemente não aprecia. Isto é tanto assim que, segundo nos affirmou pessoa competente, nas ilhas dos Açores, onde todavia as estradas não são peiores que em Portugal, muitos paes deixam já de mandar seus filhos ás eschólas, para que a ignorancia lhes seja privilegio, e os isente do exercicio dispendioso e oppressivo dos direitos constitucionaes (11). Quão diverso é um tal resultado daquelle que a theoria predizia!

A esta estranha causa de retrocesso fatal para a ignorancia, ajuntarei outra que tambem exige remedio prompto e efficaz.

Outr'ora havia em Portugal conventos disseminados no interior do reino, que espalhavam a instrucção, tal ou qual, mas sempre melhor que nenhuma, porque mais val uma luz má que trevas. Hoje desappareceram os conventos, sem que se tratasse de supprir a sua falta por outros estabelecimentos de instrucção, como fizera o marquez de Pombal, quando suprimira os Jesuitas. A mocidade do interior do reino será portanto obrigada a ir buscar longe a instrucção que á porta lhe falta; e como as viagens são caras, difficeis, e incommodas em Portugal, boa parte dessa mocidade ficará privada de ensino, em quanto durar o estado deploravel dos meios locomotivos no nosso paiz.

A falta de meios baratos e commodos de transporte mantem o espirito acanhado de localidade, as rivalidades perniciosas, já não digo sómente das provincias, mas mesmo das cidades, das villas, e até de insignificantes aldêas, impedindo a formação da unidade nacional, a benevolencia reciproca que deve animar todos os portuguezes sem distincção de terras, para se coadjuvarem mutuamente, em vez de se empecerem por ciumes ridiculos, ou prejuizos e jactancias de naturalidade. O contacto repetido dos homens uns com os outros, resultado da facilidade, barateza, e commodidade das viagens, policia as nações, alarga a sphera das idéas, dos affectos, dos interesses, e dissipa docemente os abusos e preocupações, que se oppõem ao progresso e ao desenvolvimento do bem commum.

Não fallarei nas privações dolorosas que a falta de bons meios locomotivos occasiona em Portugal, privações que toda a gente experimenta: familias separadas por curtas distancias, que não pódem matar suas saudades, sem se dar tratos no antigo e cruel vehiculo chamado liteira, ou em chagada e chouteira cavalgadura, passando fomes, miserias, perigos, inclemencias, quasi como se viajára em terra de barbaros, e pagando ainda em cima estes tormentos por preços exorbitantes. Que vergonhoso contraste entre este viajar, e o viajar no resto da Europa, sem mesmo exceptuar a Russia! E quão maior não será ainda a desproporção, se comparamos os martyrios e a lentidão de uma jornada em Portugal, com os commodos e a rapidez de uma viagem por caminho de ferro (12)!

Em França, a extensão total das vias de communicação (estradas, caminhos, canaes, e rios navegaveis) é de 219,393 legoas medias; e sendo a superficie total do reino de 26,714 legoas quadradas, segue-se que a cada uma destas cabe para mais de 8 legoas de vias de communicação (13).

Na Belgica, da superficie total de 3:337,249 hectares, occupam os canaes e estradas 102,879 hectares, ou proximamente $\frac{1}{32}$ da superficie total. Em Hollanda esta relação é de $\frac{1}{21}$ (14).

(11) Em Hispanha, onde a lei commina a perda dos direitos politicos aos devedores do estado, é constante que muitos hispanhoes deixam de pagar a totalidade de suas contribuições para serem incursos naquelle castigo, que os livra dos deveres constitucionaes!

(12) *Veja-se* a nota C.

(13) *Statistique générale*, pag. 204.

(14) *Journal de la Société française de Statistique univer-*

Seria curiosa e instructiva a comparação de muitos elementos statisticos desta naturesa; porém ainda que elles nos faltam, não duvidamos affirmar, que de um tal parallelo resultaria a prova de que *as nações mais civilisadas, mais ricas, e mais florescentes, são justamente aquellas que possuem vias de communicação mais numerosas, mais commodas, mais baratas, e mais acceleradas.*

De todas as necessidades de Portugal, é uma das maiores, e por ventura a mais urgente, o estabelecimento de boas vias de communicação. Não cabendo nos limites deste pequeno scripto, nem sendo nossa intenção tratar extensamente de todas ellas, diremos sómente poucas palavras ácerca das estradas.

Os romanos, que tanta attenção deram a este ramo da administração, dividiam as estradas em tres classes: estradas militares, ou publicas *(viæ militares, viæ publicæ)*; estradas vicinaes *(viæ vicinales)*; estradas particulares, ou agrarias *(viæ privatæ, viæ agrariæ)*.

Em França, pelo edito de 1776, foram as estradas divididas em quatro classes, com a denominação commum de reaes, a saber: estradas entre a capital e as principaes cidades do reino, de 42 pés de largura; estradas entre as provincias e as principaes cidades, de 36 pés de largura; estradas entre as cidades de uma mesma provincia, e entre estas cidades e as das provincias visinhas, de 30 pés de largura; caminhos particulares entre as aldeas e as pequenas povoações, de 24 pés de largura. Por um decreto imperial de 16 de Dezembro de 1811, foram conservadas tres classes de estradas imperiaes ou reaes, qualificando-se estradas departamentaes as que não eram comprehendidas nas tabellas annexas ao dito decreto. Esta medida foi inteiramente fiscal, para aliviar o thesouro das despezas do grande numero de estradas, que então passaram a cargo dos departamentos, inventando-se para os captar e lisongear, a denominação de estradas departamentaes, e attribuindo-lhes ao mesmo tempo grande parte da administração dellas.

(Continúa.)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA, OU A ENTRADA DO MARECHAL SOULT NO PORTO EM 1809.

(Continuado de pag. 503.)

Notas.

1.ª

O legitimo governo, etc.

458 Na representação transcripta no Campeão Portuguez em Londres tom. 1.° pag. 62 marcam-se a este silencio de 6 a 18 causas mui diversas das que acabamos de assignar-lhe. Diz-se que Bellesta antes da partida offerecera aos portuenses todo o auxilio para sacudir o jugo francez, mas que essa offerta por varios motivos não só não fôra aceita, senão que até se sobreestivera na restauração até elle evacuar o Minho, e se estar de accordo com as demais provincias. Não nos consta todavia que no dia 18 já existisse semilhante accordo, e quanto ao auxilio hespanhol de Bellesta se julgasse assás auctorisado para o prestar, era mais coherente que logo lho aceitassem, do que regeitar-lho para lho pedir 5 ou 6 dias depois, quando o general já estava na Galiza, como se diz que fizera Luiz d'Oliveira. Se a representação falla verdade, o orgulho dos patriotas portuenses naquella conjunctura foi excessivamente melindroso e deslocado.

A insurreição de Bragança, succedida a 11 de Junho, rapidamente se desenvolveu nas provincias de Traz-os-Montes e Minho (Foy tom. 4.° pag. 175), e o Porto não foi a ultima localidade aonde o grito da independencia soou. O procedimento do general Sepulveda foi na ultima cidade conhecido a 14 (Obs. pag. 315), e muito a Luiz d'Oliveira nos tres subsequentes dias custou reprimir a agitação popular, que por fim rebentou a 18 no acto em que a requisição do juiz de fóra de Oliveira d'Azemeis se carregava algum pão cozido para uma columna franceza que alli se esperava; provavelmente a que vinha de Torres Vedras. Havendo dias que os artilheiros do regimento de Vianna empregados no arsenal não recebiam rações, um curioso dos que assistiam áquelle carregamento observou aos circumstantes que se não havia pão para os soldados portuguezes, nunca elle minguava aos de Jnnot. A observação agradou á multidão que não contente de applaudil-a, subitamente se enfureceu. Os gritos de uns cedo attrahiram outros; e como todos eram dominados pelas mesmas paixões, e esposavam as mesmas opiniões, n'um abrir e fechar d'olhos estava o Porto revoltado. Alguns homens sensatos, reflectiram então na urgente necessidade de dirigir o movimento, e collocaram-se á sua frente.

O citado Foy tom. 4.° pag. 174 philosophando sobre este successo, pensa que se os portuguezes se não declararam logo a 6, não provinha isso nem da sua affeição para com os francezes, nem do terror que o governo destes lhes inspirasse: lembra que a nova da prisão de Quesnel, á qual se ajuntaram varias balelas, n'um instante se derramara pelas provincias do norte, fazendo em todos os animos manifestar o sentimento da independencia nacional: e adverte finalmente, que essa manifestação começára em Traz-os-Montes, isto é, aonde nunca haviam chegado os batalhões francezes, e nenhuma influencia estrangeira excitava os habitantes a sacudir o jugo de Napoleão; parecendo o mesmo Foy concluir de tudo isto, que a revolta de Portugal tivera por fonte aquelle sentimento, e não o terror causado pelos invasores. Porém se o historiador realmente tirava similhante illação, enganava-se em parte.

Os portuguezes para se revoltarem eram aguilhoados por dois mui poderosos incentivos, a nacionalidade e a oppressão. Esta não vexava sómente a parte do reino occupada pelas forças francezas, antes pezava sobre toda a sua superficie, como provam os decretos do 1.° de Fevereiro, o de 8 de Abril, e o de 9

selle, n.° 9, mars 1838, pag. 530.; *Statistique générale*, pag. 306.

de Maio, todos no predito Obs. pag. 161, 228 e 264. Os dois ultimos crearam dois tribunaes, especiaes, ou commissões militares com assento em Lisboa, e no Porto para punir os delinquentes de todo o reino, isto é, os portuguezes que offendessem os conquistadores. Cada commissão se compunha do presidente, relator, e tres officiaes francezes com *dois* portuguezes. As suas decisões, contra as quaes não se dava recurso algum, deviam executar-se em 24 horas. Com o decreto de 8 de Abril publicou Junot uma especie de codigo penal intitulado — Enumeração dos delictos da competencia do tribunal especial, e penas em que incorrem os que os commettem. — A pena ultima, de que os commissarios fizeram bastante uso por via dos espingardeamentos, ahi foi prodigalisada. Amalgamaram-se assaz burlescamente nesse *codigo*, e n'outros decretos, as leis criminaes de Portugal com as dos codigos penaes civil e militar de França, e com as de 13 e 14 *brumaire* dos annos 5 e 11, extrahindo os nossos *libertadores* de umas e outras todas as suas severidades, incluindo os *açoutes* e as galés para os que usassem de facas, e outras armas *mortiferas*. No já citado Obs. ainda existem numerosas outras providencias no mesmo sentido.

Nem cause maravilha o extenderem-se estas providencias a todo o reino, quando pela partilha de Fontainebleau o reino da Luzitania Septemtrional e o principado do Alemtejo e dos Algarves deviam ser administrados e governados pelos generaes commandantes das divisões hespanholas Taranco e Solano. O leão já se havia apoderado de toda a prêsa, como é bem sabido, e o Sr. Thiers declara nas palavras do liv. 29. — Supposto Napoleão tivesse assignado o tratado de Fontainebleau, e que por elle reconhecesse a D. Manuel Godoy por soberano dos Algarves, nem um nem a outra (a rainha e o seu amante) nisso confiavam muito: porque, 1.° Junot acabava de se apoderar da administração de todo e Portugal, incluindo a das provincias occupadas pelas tropas hespanholas (decreto do 1.° de Fevereiro artigo 1.°); e 2.° Napoleão tinha querido que o dicto tratado continuasse a ficar secreto.

O mesmo Sr. Thiers referindo-se á revolta contra Junot diz — que os portuguezes ao saberem do levantamento da Hespanha, e que os francezes eram ahi vencidos, não careciam para se sublevar, senão de avistar os inglezes seus velhos alliados, alliados acrescenta elle, e tyrannos a um tempo. — Portugal é certo, para essa sublevação carecia dos inglezes, não porque a influencia britanica em seus filhos actuasse mais do que o pensamento da nacionalidade, mas porque a Inglaterra por utilidade propria lhe forneceria dinheiro, tropas e armamentos.

Sabe todo o mundo que o paiz achava-se exhausto de tudo isto pelos cuidados dos tres invasores Junot, Taranco e Solano, todos mui prodigos de medidas tendentes a esbulhar os habitantes de todas as suas armas, sem excepção das brancas, como no Obs. a cada passo se póde vêr especialmente a pag. 172, 174, 256 e 314, aonde se acham os decretos (dois) de 15 de Fevereiro, a ordem do intendente geral da policia Lagarde sob a data de 29 de Abril, e o decreto de 24 de Junho mandando desarmar muitos regimentos de milicias, fulminando mais penas contra quem usasse de punhal, estoque, espingarda de vento, pistolas e outras armas, as fabricasse, vendesse, ou conservasse em casa, e dispondo que tanto na capital, como nas provincias fossem ellas recolhidas aos depositos designados, sob pena de serem os contraventores entregues ao respectivo tribunal especial, multados em 48$000 rs. etc.

O armamento pois achava-se em poder dos inimigos, sem que nos restassem senão mui poucas armas subtrahidas á vigilancia de Lagarde, dos corregedores-móres, e seus esbirros. É verdade que nos depositos do Porto, Estremoz, e por ventura em mais alguns, encontrou a revolta porção de espingardas que os francezes não poderam inutilisar, mas tudo isso era nada para as urgencias do momento. Outro tanto não aconteceu á Hispanha a quem Murat e Savary não tiveram ensejo de desarmar, achando-se ella por consequencia com um exercito superior a 50 ou 60:000 homens, e bastante armamento de sobrecelente para logo entrar em liça com os seus perseguidores. Apesar de taes contrariedades, já em 13 de Dezembro de 1807, muito antes do levante da Hespanha, a população de Lisboa ao vêr no castello de S. Jorge, e nas mais fortalezas, arvorar as aguias, mostrou a impaciencia com que soffria o jugo estrangeiro, revoltande-se sem considerar as suas forças, e por tanto mui imprudentemente, contra os batalhões inimigos, que com pouco trabalho logo restabeleceram a ordem

Eis o edital que Junot por esta occasião fez publicar, e se vê no Obs. pag. 43.

« Habitantes de Lisboa, o maior crime é a rebel-
« lião. Vós vos deixastes arrastar hontem por alguns
« máus individuos, que para vos comprometter se atre-
« veram a atirar ás minhas tropas, *estando estas entre*
« *vós*. Eu os conheço, e elles pagarão com a sua ca-
« beça o insulto que se atreveram a fazer á bandeira
« franceza; mas eu não confundo entre os máos os
« honrados habitantes de Lisboa: pela segurança dos
« bons cidadãos, é que eu determino o que se segue:
« Todo o ajuntamento de qualquer naturesa que elle
« seja, é prohibido. Todo o individuo que se encon-
« trar armado em um ajuntamento, será conduzido á
« commissão militar, creada pelo meu decreto da data
« de hoje, para ser julgado, e sentenciado em tres
« mezes de prisão; *se elle se não servio das suas ar-*
« *mas*; e no caso de ter feito uso dellas, contra quem
« quer que fôr, será condemnado á morte. Todo o in-
« divíduo, que fôr preso em um ajuntamento, conven-
« cido de ser um dos chefes, ou cabeça de motim,
« soffrerá a pena de morte. Dado no palacio do quar-
« tel General a 13 de Dezembro de 1807. Junot. »

Este moderno Draco, mas Draco sómente na dureza d'alma, parecia imaginar que tanto merecia morrer o que ferisse alguem, embora não passasse o ferimento de uma arranhadura, como o matador, o amotinador, e outros iguaes delinquentes.

Mas o mesmo Sr. Thiers como que reconhece que os inglezes não eram senão um meio para o levantamento de Portugal, quando declara que a noticia do desastre do general Dupont em Baylen a 22 de Julho, fôra para os portuguezes um estimulo tal, que n'um abrir e fechar de olhos a revolta, até alli mui circumscripta, logo se tornára geral desde o Minho até os Algarves. E já antes delle o general Foy na sua obra da Guer. da Pen. repetidas vezes havia fallado

deste enthusiasmo dos portuguezes, como a principal origem da sua sublevação: uma dellas foi quando, depois de referir as phases da revolta, cujo incremento as carnificinas e os saques de Béja, Villa-Viçosa, Evora, Leiria, e de outras povoações, mais aceleraram do que retardaram, escrevia — Passados apenas 20 dias depois que o general Kellermann abandonára o Alemtéjo, já este tinha um exercito: tanto os povos são promptos a emprehender o que querem com vontade forte e unanime!

Agora quanto á tyrannia dos nossos velhos alliados, infelizmente é ella mui real. Com tudo, não é menos certo que as nações pequenas são frequentemente forçadas a alliar-se com as poderosas, e que estas, sejam ellas quaes forem, sempre em demazia pesam sobre os seus protegidos. Os francezes, entrando em Lisboa como amigos, sem a minima provocação ou hostilidade logo se converteram em senhores; trataram-nos como conquista, e a despeito das vergonhosas condescendencias do nosso governo, a protecção com que nos honraram foi muito mais dura do que a britannica no-lo tem sido. Não se duvide porém que detestamos todas as tyrannias venham ellas d'onde vierem.

2.ª

Sempre faziam summo arruido para aterrar, etc.

O boletim de 7 de Julho, assignado pelo chefe de estado maior Thiebault, a quem desejaramos exceptuar das censuras que neste escripto fazemos aos boletinistas, acha-se no Obs. pag. 356, e lêem-se nelle as seguintes expressões — As bandeiras dos insurgentes, que *todas* foram tomadas, foram esta manhã appresentadas a S. Ex.ª o Duque de Abrantes — Ora, a respeito destas bandeiras o mesmo Obs., e outro anonimo, contam-nos a seguinte mui burlesca anecdota:

Caminhava Margaron para Leiria na occasião em que para a romaria do cirio da Ameixieira passavam muitos devotos a cavallo e a pé com seus cajados, tambores, e duas bandeiras enfeitadas com veneras da Senhora da Conceição pendentes de lacinhos de fitas de varias côres. O general, tomando-os por insurgentes, mandou acommettel-os pelo Principe Salms-Salms. Este, depois de formado o seu esquadrão atraz de um pinhal de Alcoentre, cahiu de subito sobre os pobres romeiros, acutilou o gaiteiro, o prégador, e outros, dispersou o resto, e ficando senhor do campo da batalha, recolheu os despojos do inimigo; a saber: os burrinhos, tambores, cajados, e as bandeiras mencionadas no boletim.

Quer porém isto seja patranha propria do tempo, quer não, o certo é que em 5 de Julho de 1808 não existia em Leiria corpo algum da primeira ou segunda linha, nem fracção delle, nem por consequencia ahi podiam existir bandeiras algumas. A gente que lá encontrou Margaron, diz um escriptor quasi sempre consciencioso (Foy pag. 202), seriam mil paisanos sem organisação, mas destes sómente uns 200 tinham espingardas, e destes 200 ainda poucos tinham cartuxame.

Parece que estes paisanos alcançando uma bandeira real, nas curtas horas do seu enthusiasmo andaram com ella percorrendo as ruas ao som de estrepitosos vivas (citado Foy): talvez pois esta bandeira fosse no *combate* tomada pelo inimigo, e conduzida a Junot, escrevendo-se no boletim bandeiras por bandeira, o que em um armazem de petas não era coisa de nenhuma consequencia.

São egualmente para notar estas pomposas linhas do mesmo boletim.

« Da nossa parte houve um homem morto, e alguns « feridos. A perda do inimigo (600 mortos no *campo « da batalha*) teria sido muito mais consideravel, se o « senhor General Margaron não tivesse contido a in- « dignação das tropas; mas passado o instante *do com- « bate* a moderação *foi egual ao valor*, e a ordem se- « guiu de perto a *victoria*. Assim serão desbaratados « todos aquelles que se atreverem a imitar o seu exem- « plo! S. Ex.ª *ficou satisfeito com o comportamento das « suas tropas.* »

Depois disto segue-se uma confissão que pela sua ingenuidade summamente rediculisa toda aquella pompa, e pinta a inepcia dos boletinistas.

« O que S. Ex.ª sómente sente é que o seu valor (o « das tropas) *só tivesse exercicio contra miseraveis que « não podiam resistir.* » Bem se diz que do sublime ao ridiculo não ha senão um passo.

3.ª

Por um rumo diverso, etc.

O motivo que induzira B. Freire a não se unir aos inglezes, e a tomar por uma estrada do interior, em quanto aquelles sempre convergiam para a beira-mar, não o sabemos bem ao certo deslindar. Foy no tom. 4.º pag. 253 diz assim — « Os inglezes marchavam, « porém marchavam sós. O apparecimento de Loison « em Thomar aterrou os portuguezes, que ao chega- « rem a Coimbra já cuidavam estar com o inimigo. B. « Freire resolveu não passar de Leiria em quanto exis- « tissem francezes do outro lado da serra de Minde, « mas Wellesley, vendo-se livre destes alliados exi- « gentes, e de poucas esperanças, cedo se consolou. « Elle pediu-lhes 1:400 infantes, e 260 cavallos que « incorporou no seu exercito, e seguiu a estrada me- « nos distante do mar para da esquadra continuar a « receber viveres. Ao sahir de Leiria, adoptando os « costumes militares francezes, deixou ahi as baga- « gens, incluindo as barracas. As suas tropas a 13 « acampavam no Calvario, a 14 em Alcobaça, e a 15 « nas Caldas. »

O Sr. Thiers no liv. 31 falla por este theor — « Os « insurgentes portuguezes, reunindo todas as forças « do norte, formaram um exercito de 5 a 6:000 ho- « mens sob o commando do general Freire. Sir Arthur « Wellesley desejava reter estes soldados para que lhe « cobrissem as alas, porém elles, ou por medo de « encontrar os francezes mui de perto, como ao seu « governo avisou o general inglez (1), ou por não se « fiarem de auxiliares sempre promptos a recolher-se « aos seus navios ao primeiro revez, deixando os al- « liados entregues ao inimigo, fizeram exigencias a

(1) Assegurou isto na sua correspondencia com o gabinete britannico, como se vê na collecção de preciosos e interessantes documentos por elle recentemente publicados em Londres. *Nota do Sr. Thiers.*

« que Wellesley não annuiu. Queriam ser sustentados « á custa dos inglezes com os mantimentos que estes « tinham abordo. Regeitada semilhante pertenção, os « portuguezes decidiram-se a operar por sua conta, « marchando pelo interior, em quanto as tropas bri- « tannicas costeavam o littoral, levando comsigo para « exploradores 1:400 infantes, e quasi 300 cavallos « de B. Freire. »

O Obs. pag. 405 refere-nos que o exercito portuguez, depois de reforçar Wellesley com 260 cavallos, 1:000 infantes, e mais alguns soldados, partíra para Thomar no intuito de cortar a retirada ao inimigo. A pag. 499 conta que com os inglezes marchavam uns 2:000 portuguezes, que, em Vimieiro, se portaram bellamente, com especialidade os 60 cavallos da policia, e os 200 artilheiros.

Em fim, Dalrymple na sua proclamação de 18 de Setembro (2) exprime-se por estes formaes termos: — « Aquella parte do exercito portuguez a quem as cir- « cumstancias locaes permittiram unir-se com o bri- « tannico, em quanto *o resto fazia uma poderosa di- « versão*, occasionou medidas reciprocas para destruir « o inimigo commum. »

Ainda suppondo que Dalrymple naquellas expressões por deferencia para aquelles em cujo paiz se achava, não declarasse toda a verdade, o que não é de presumir, sempre pensámos que esse medo, ou esse terror de que fallam Thiers e Foy, são puramente imaginarios.

Os soldados portuguezes, bisonhos quasi todos, indisciplinados todos, e todos tão pouco adestrados nas armas que a maioria só as teve quando os inglezes lh'as deram, bem podiam nesta occasião sem grave deshonra receiar medir-se com um inimigo já aguerrido, e cem vezes superior na sciencia militar. Os homens não nascem soldados, fazem-se.

Apesar de tudo isso, a gente que acompanhou Wellesley não justificou taes receios, quando sem oppôr duvidas buscou previnir a chegada dos contrarios á Azambugeira; não os justificou quando, aprisionado o commandante do batalhão Palamedes de Forbin, se tomaram algumas peças de Junot, por quanto se depois foi mister retirar, os inglezes não foram os ultimos; nem finalmente os justificaram esses cardumes de povo, que quasi só com foices e chuços, desde Almeida até Santarém, e por toda a parte, mui ousadamente, bem que á tôa, perseguiram Loison, que nelles sempre que podia cevava as iras.

Este general achando-se a 11 de agosto com a sua divisão em Thomar, já a 13 regressava a Santarém aonde se demorára até 15 (Foy pag. 252 e 260); mas suppondo que elle, ou outro, guardava o terreno situado entre a primeira villa e a serra de Minde, mais perigo corriam os portuguezes separados do que unidos aos inglezes.

Se a separação não procedeu do temor de pelejar, algum pezo merece a causal dada pelo Observador, a qual até está em harmonia com as preditas palavras de Dalrymple. A querer Junot regressar á Hespanha buscaria a porta por onde entrou (Castello-Branco), ou alguma outra entre norte e leste, mas se tentasse romper entre Abrantes e Leiria, encontrando na frente, ou de flanco, os soldados de B. Freire e os de Bacellar, poderia ser elle assás inquietado, especialmente levando nas costas o exercito inglez.

A exigencia attribuida ao general portuguez de pertender sustentar a sua gente á custa dos inglezes, é absolutamente inverosimil, nem se casa com as expressões de Foy — que Wellesley na conferencia com o bispo do Porto e outros, obtivera promessa de ser apoiado com um exercito, assim como a de transportes e viveres á farta. — Se existio este ajuste, como é que logo depois, e n'um momento tão critico, se havia não só faltar a elle, senão ainda exigir viveres? Uma tão absurda requisição não deixaria de ser por Wellesley communicada ao seu governo, e constaria dos documentos publicados em Londres: com tudo, o silencio do Sr. Thiers a este respeito auctorisa-nos a crer que não existe lá uma palavra sobre similhante ponto.

Qual foi então a verdadeira causa da separação dos dois exercitos? Seria aquella a que o Sr. Thiers parece dar a primasia, isto é, a desconfiança de que os nossos *estimadissimos* alliados, sempre tão chegados aos seus navios, quando lhes conviesse nos abandonassem? Seria a diversão mencionada por Dalrymple e pelo Observador? Seria a soberania, a desmedida arrogancia com que os bretões em toda a parte tratam os mais fracos, as quaes B. Freire não tivesse animo de supportar pacientemente, como nessa hora talvez lho requeria o bem da patria? Nada podemos affirmar, porém é de crer que a ultima causa tivesse grande influencia em similhante separação. As manhas inglezas já são bem conhecidas.

JOÃO ANTONIO DE CARVALHO E OLIVEIRA.

(Continúa.)

(2) Em Delgado.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

1 a 30 de Junho.

DIARIO N.° 128.

459 Aviso de que no cabo de Santa Maria se ha de accender, de 24 de Junho em diante, um farol de luz fixa.

DITO N.° 130.

Auto de amortisação de notas do Banco de Lisboa no valor de 61:000$800 réis.

Notas amortisadas até 31 de Maio de 1851	3.049:568$400
Ditas a 3 de Junho	61:000$800
Existentes em circulação	1.389:430$800

DITO N.° 131.

Receita e despeza effectuada em Lisboa na semana finda em 31 de Maio ultimo.

Importou a receita em . . . . . 112:663$875
» a despeza em . . . . . 58:282$507

DITO N.º 135.

Resumo do activo e passivo do Banco de Portugal em 31 de Maio de 1851.

Numerario e prata para amoedar 1.265:471$524
Notas do Banco de Lisboa. . . . 376:564$800
Ditas do Banco de Portugal em circulação . . . . . 549:380$000

DITO N.º 136.

Receita e despeza effectuada em Lisboa na semana finda em 7 de Junho.

Receita. . . . . 158:521$173
Despeza . . . . . 120:690$300

DITO N.º 141.

Candições do contracto celebrado entre o Governo e o Banco de Portugal para o emprestimo de 450:000$000 réis.

DITO N.º 142.

Receita e despesa effectuada em Lisboa na semana finda em 14 de Junho de 1851.

Receita. . . . . 145:519$949
Despesa . . . . . 108:462$274

DITO N.º 145.

Decreto sobre o processo que deve seguir-se na eleição dos deputados.

DITO N.º 146.

Decreto redusindo o imposto da siza de 10 a 5 por cento; e abolindo a siza das cavalgaduras.

DITO N.º 149.

Receita e despesa effectuada em Lisboa na semana finda em 21 de Junho.

Receita. . . . . 221:176$025
Despesa . . . . . 145:040$543

DITA N.º 151.

Decreto approvando o Regulamento ácerca do provimento dos logares de instrucção publica e das regras para occorrer á interrupção do serviço do magisterio na vagatura das cadeiras ou no impedimento dos respectivos empregados.

PALACIO DO PARLAMENTO INGLEZ.

460 É sem duvida uma obra magestosa e ousadamente levada a cabo essa dupla casa em que estão reunidas sem se confundirem as duas potencias da Inglaterra; de muita habilidade será dotado quem, tendo-a percorrido por alguns instantes, intentar descrevel-a.

Este monumento consagrado ás camaras do parlamento appresenta uma fachada, que deita para o rio, de mil pés inglezes de comprimento, cobrindo n'um terreno de nove *arpens* (a geira franceza) uma infinita serie de salas diversas que recebem luz da parte do mar, da do rio, e de onze ou doze pateos. Penetra-se nestes sitios, ou pelo menos em breve se entrará, por um vestibulo similhante a uma cathedral, o qual conduz para a direita, para a esquerda, para todas as partes de tão vasto edificio. Aqui faz suas sessões a camara dos lords — acolá dentro em pouco tempo entre essas paredes de carvalho cizelado celebrará as suas a camara dos communs.

Para qualquer das camaras as divisões são as mesmas; o mesmo espaço para as duas bibliothecas; eguaes salas para as commissões; um salão commum destinado a receber os membros de ambas as camaras quando tem de conferenciar sobre algum assumpto difficil; de um relance de olhos comprehender-se-ha o excellente desenvolvimento e o todo maravilhoso desta construcção vasta, logo que estiver completamente acabado, e se poder percorrêl-o de uma á outra torre. Está situado entre o Tamisa e a abbadia de Westminster: entre o rio carregado da riqueza e das idéas do mundo moderno, e o amplo cimiterio cheio de memorias e doutrinação do passado. Uma estatua de bronze, de tamanho maior que o natural, parece que está de vigia á porta do sanctuario das leis; a sentinella é digna de tão solemne posto, chama-se Jorge Canning. O novo edificio já tem custado dois milhões de libras esterlinas, e será preciso pelo menos outro tanto para concluil-o.

Tive a honra de penetrar no recinto da camara dos lords. Imaginae uma capella resplandecente com toda a ornamentação e riqueza da épocha do renascimento: em logar d'altar e detraz de uma balustrada eleva-se a cadeira da rainha. Vi o famoso sacco de lã onde se assento o chanceller; semelha um enorme canapé adereçado de panno escarlate. Por toda a parte, nos tectos, nas vidraças, nas paredes, no soalho, entre o *leão* e a *rosa* se divisam de mistura os brazões saxonios e normandos, desde os Plantagenets até os Tudor, dos Stuarts até os Brunswick: — naquella balburdia de mottos e divisas, de emblemas, e ornamentos entre doze janellas, ao nascente e ao poente, de alto a baixo, apparecem a historia, o romance, o poema, as cavallarias, de Inglaterra!

A pedra é franceza: vem de Caen, e fôra indicada aos inglezes d'hoje, haverá apenas a bagatella de oito seculos, por seu amo e senhor, Guilherme o Conquistador, Guilherme o Bastardo, como elle proprio se denominava: *Ego Guillelmus cognonime batardus*. A abbadia de Westminster foi construida com essa pedra do ducado da Normandia, e ainda ao presente se vê em Caen, acima do rio pequeno, a pedreira e excavação enorme donde subiu Westminster: *Ubi Troja fuit*. Canteiros francezes se tinham incumbido de fazer

desta pedra um marmore: promettêra-se-lhes respeitar seu segredo. Tinham-se encerrado n'uma vasta casa, e ainda hoje se póde contemplar um grande lanço de muralha, effectivamente em tudo similhante a essas paredes dos palacios genovezes, que a chuva branda, o sol ardente, e o morno sopro dos seculos fazem luzir como se foram espelhos. O acerto era completo, e os nossos artistas queriam continuar; infelizmente achou-se que esta transformação da pedra ordinaria em marmore vinha a custar mui cara, e a metamorphose parou alli.

Os senhores da camara dos communs ainda não estão de posse da sua nova sala, que será toda de carvalho e de uma vista magestosa. Reunem-se ainda na sala antiga, que entre nós seria rejeitada para celebrar-se uma dessas audiencias onde os facinorosos vem pagar seus crimes. Entra-se nesta camara por um corredor escuro, e eu hesitava na entrada, e sabeis porque? Porque era a primeira vez em minha vida que ia vêr uma assembléa deliberativa; e tinha afferro, como a uma creança a seus bonitos, á conservação desta ditosa ignorancia. Parecerá por certo coisa mui rara, um filho da imprensa militante, um veterano da imprensa, que não respirou outro ar senão o do Luxemburgo, que viu tantos da sua gente elevarem-se ás honras parlamentares, demais disso um homem apaixonado da eloquencia, repassar-se da convicção de que tem vivido, completamente estranho ás coleras e violencias, e tanto que nem sequer uma só vez viu por alto o recinto onde se agitam as paixões politicas! Espero viver na minha impenitencia, como vivi.

Comtudo (e creio que me não tomarão contas pelos poucos minutos que passei na camara dos communs) ou fosse pelo meu pouco habito ou porque a minha imaginação rebelde desperdiçasse o effeito de um espectaculo novo para mim, muito pouco me interessou aquella reunião de legisladores de chapeu na cabeça, em diversas posturas mal geitosas, prestando ouvidos desattentos a não sei que discurso monotono. Se levassem alli o china da exposição e lhe dissessem: — « Vêdes esses pimpões, meio deitados em seus bancos neste sombrio recinto; pois sabei que esta gente tracta agora dos negocios e dos interesses da Inglaterra:» o bom do china certamente não atinaria com o que havia de dizer e pensar a este respeito. Ao cabo de tudo é um facto glorioso para a Inglaterra ser governada com tão pouca ceremonia, e de certo com menos bulha do que se se tratasse de reparar algum muro velho em alguma das nossas trinta mil communas ou de outro qualquer debate de igual valia n'um conselho municipal.

INFANTICIDIOS.

O nosso correspondente de Loulé nos communica o seguinte, em data de 24 do passado.

461 Parece que o genio do mal bafeja ha tempos a esta parte uma villa como Loulé. Onde outr'ora ninguem acreditava se commettesse um crime, hoje succedem-se uns após outros. Ha dias se appresentou na roda dos expostos, uma creança semimorta, que appareceu debaixo d'uma arocira; e outra foi encontrada n'uma das ruas desta villa, núa, e mettida entre malvas; porém o que mais horrorisa os habitantes desta villa, foi o seguinte caso succedido hontem 23. Um afilhado, a quem sua madrinha tudo deixava, esse monstro a estrangulou, e consumado o acto, a lançou a um poço, aonde depois as auctoridades vieram tomar conhecimento do delicto; honra ao Sr. José Cordeiro Gallão, e ao Sr. José de Carvalho, commandante de uma companhia desta villa, que com a maior energia se prestaram a tudo, e a não serem elles, talvez o povo apinhado tivesse feito em pedaços o joven criminoso, rapaz de vinte e tres annos, que ainda ha pouco havia levantado o braço contra o seu proprio pai.

O processo instaurou-se e correrá com brevidade.

ESTATUA DE FREDERICO O GRANDE.

462 Em 31 de Maio de 1740 subiu ao throno da Prussia Frederico II. O anniversario foi escolhido como dia mais proprio para erigir na capital um monumento não só á memoria do rei, mas tambem dos homens que o ajudaram com a espada e o conselho na lucta com a Austria, a Russia e a França, em que adquiriu sua reputação militar. O monumento completou-se neste anno, e a festa da sua inauguração em Maio ultimo, descripta largamente nos jornaes, foi das mais esplendidas e concorridas que Berlim tem presenciado: é verdadeiramente uma obra historica que além do seu merecimento artistico póde ser consultada como documento authentico dos guerreiros e homens de estado que ajudaram a fundar um reino poderoso. É um grande progresso sobre o insipido estylo allegorico com suas eternas Famas assoprando trombetas e Victorias offerecendo coroas e grinaldas. Excepto n'um ou dois dos pequenos baixo-relevos, Rauch, o delineador da obra ligou-se á estricta realidade e só modificada com tal engenho que nada parece vulgar ou logar commum: os seus Ziethens e Winterfeldts são guerreiros tão severos e cheios de dignidade como se estivessem nos campos de batalha de Torgau e Rosbach.

O monumento consta de uma estatua equestre de 17 pés e 3 pollegadas de alto, sobre um pedestal de granito de 25 pés, que appresenta em cada uma das faces grupos de bronze dos generaes illustres da guerra dos sete annos, representados ou a pé ou a cavallo, do tamanho natural, effigie segundo os retratos, em baixo-relevo. As figuras mais proeminentes são as dos quatro mais distinctos officiaes, o duque de Brunswick, que depois commandou os alliados contra Dumouriez e as forças da convenção franceza, o principe Henrique da Prussia, o general Seydlitz, e o general Ziethen. As figuras de pé não foram escolhidas inteiramente conforme sua jerarchia, mas em attenção á recordação honrosa de seus feitos ou serviços ás lettras e ao estado; comprehendem todas as celebridades militares da épocha. Uma das faces do pedestal contém, entre as estatuas de Seydlitz e Ziethen, as figuras de tres estadistas; o conde Finck von Finckenstein, ministro de Frederico na repartição dos negocios estrangeiros; Von Schlabrendorff, que tanto trabalhou para conservar em ordem as finanças, durante os peiores tempos da guerra; o conde Von Carmer,

que levou a cabo o codigo conhecido pelo nome de *Allgemeine Landrecht* e reorganisou todo o systema das leis. Mais tres nomes connexos com as artes e as sciencias adornam esta divisão, — Graun, compositor de musica estimado de Frederico, o litterato Lessing, o philosopho Kant. Ao todo são 31 as figuras do tamanho natural, retratos dos individuos, nas quatro faces do pedestal. A fim de as reproduzir exactamente consultaram-se as melhores auctoridades, seguiram-se com rigor estampas, bustos e medalhas da época: isto acarretou grande somma de trabalho; mas o valor do monumento, como obra historica, augmentou dez vezes. Os trajos e as armas daquelle tempo foram reproduzidos com egual cuidado, á vista da collecção que perfeitamente se conservava no arsenal, mas que foi damnificada, e em parte perdida no ataque do edificio em 1848.

Abaixo das figuras ha duas molduras em que estão inscriptos os nomes (40 em cada uma) dos soldados que se distinguiram nos exercitos de Frederico, e dos quaes não se podiam dar retratos. No lado terceiro insculpiram-se os nomes de 16 homens de estado, ou das sciencias ou artistas da mesma época. O quarto retabulo, o da frente, só tem esta singela inscripção — « A Frederico o grande, Frederico Guilherme III, 1840. Completado por Frederico Guilherme IV, 1851. » — Em cada um angulo ha por cima das figuras uma feminina, representando uma das quatro virtudes — Justiça, Fortaleza, Prudencia, e Moderação. — Entre as quatro ha baixos-relevos emblematicos de diversos periodos da vida do monarcha, representados com simplicidade e clareza.

A estatua equestre do monarcha, mostra o uniforme e constante vestuario que elle usava; as difficuldades para appresentar com o decoro proprio de um monumento, o trajo daquelles tempos, foram bem vencidas pelo talento do artista.

Havia muito tempo que Berlin devia uma estatua ao rei, que deu á Prussia importancia como estado europeu, posto que não fosse o seu fundador. A ideia de erigir-lhe uma não era nova; pouco depois de sua morte os officiaes do exercito tiveram esse pensamento, e para o pôr em pratica pediram permissão ao successor Frederico Guilherme III; não foi avante porque este resolvêra desempenhar per si só aquelle dever; e occorrendo desastres politicos differiu-se o projecto. Prepararam-se desenhos para o monumento por Gilli, Schadow, Schinkel e Rauch. Este ultimo artista teve a fortuna de ligar o seu nome a uma obra a todos os respeitos digna da nação, e do monarcha a que foi dedicada!

EXPOSIÇÃO DE PINTURAS.

463 As seguintes linhas são transcriptas do *Morning-Chronicle* de 12 de Junho a respeito da Exposição Universal de pintura que havia poucos dias se abrira ao publico em Lichtfield-House, ao lado do palacio de cristal.

« Já as eschólas franceza e belga estão dignamente representadas por quasi 200 quadros, pela maior parte de grande merecimento e de subido interesse para o maximo numero de pessoas.

Não é para aqui entrar n'uma analyse critica desta vasta collecção de paineis, que abrange tantas eschólas e tantas nacionalidades, bastará indicar os quadros da vida de Cromwell, de M. Delaroche, já conhecidos em Inglaterra, as magnificas marinhas de M. Gudin, os applaudidos assumptos sagrados de M. Signot; as paizagens de MM. Thuillier e Lapito que mostram o valor do pincel dos paizagistas francezes, os distinctos estudos de M. Adolphe Leleux; as scenas familiares de M. Biard: as telas tão interessantes de M. Schopin, nas quaes se encontra o rosto de Napoleão nas diversas épochas de sua vida; os bosques de M. Hubert de um colorido tão verdadeiro, os estudos sobre Hamlet de M. Lehman; o grandioso quadro do « martyrio dos christãos primitivos lançados ás feras » — por M. Leullier, e as formosas aguas de M. Barthelemy. Magnifica é a parte com que contribuiu a França! »

Depois de mencionar as obras da eschóla belga, menos numerosas, sendo os principaes quadros denominados « de cavallete » o *Morning-Chronicle* accrescenta.

« Quando tiverem chegado todas as collecções, a exposição formará o mais distincto congresso da arte europea que se tem convocado. O amante das Bellas-Artes achará reunidas n'umas poucas de salas uma serie de paineis, uma serie de estylos e de maneiras, que nas circumstancias actuaes lhe seria necessario para os vêr dar volta a metade da Europa. Tal exhibição parece o *pendant* natural da Exposição de Hyde-Park, e com sincera satisfação annunciamos a abertura de tão digno appendice das artes ao palacio da industria. »

NECROLOGIO.

Sr Redactor.

464 Como seu assignante antigo, e de quem tenho recebido tantos obsequios, espero ainda dever-lhe um; no dia 22 do corrente foram dados á terra os restos mortaes de um amigo meu de infancia, e bem quisto de todo este povoado; homem probo, honesto, honrado, qual foi Francisco Manuel Claudino de Gouvêa, que no verdor dos seus annos o arrebatou uma morte prematura, deixa saudades a quantos o conheceram, a terra lhe seja leve!!!

Peço ainda, que é o maior obsequio que póde fazer ao seu assignante, haja de inserir estas toscas, mas sinceras linhas; tributo de amisade e respeito que consagra um amigo a outro amigo; sou Sr. Redactor com mais particular estima e consideração.

Loulé 24 de Junho de 1851.

De V. etc.

JOÃO JOSÉ JARA.